

Risco permanente

*DOUGLAS DIEGUES

Falar da obra do bruxo Manoel de Barros é um risco permanente. Risco de não dizer nada além do que já foi dito de outra maneira. Risco de permanecer andando em círculo sem conseguir sair do primeiro parágrafo. Risco de não se conseguir falar de nada além do que de si mesmo, dos limites da razão, do fracasso da lógica redutora. A própria obra de Manoel de Barros parece ser uma obra de alguém que, em vez de se acomodar na repetição de formas e fórmulas neocolonizadas, preferiu correr o risco de ser ele mesmo.

Então, para falar agora do esplendor encantatório da palavra de Manoel de Barros, tenho que dar um chute no espelho e atravessar para o outro lado. Tenho que correr esse risco.

Talvez seja isso. Talvez os críticos literários mais respeitadas do País tenham receio de correr esse risco. De enfrentar os paradoxos de sapos e nuvens de Manoel de Barros. De se entregar ao encantamento.

É preciso correr o risco de atravessar o encantamento das frases de águas escuras, e das imagens de vento, e da alegria desprentenciosa, e da simplicidade desconcertante da fala antiga do bruxo.

Manoel de Barros, para mim, é um bruxo, um milagre, um fenômeno da natureza, como Chaplin, César Vallejo, Lezama Lima, Homero, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, e muitos outros... Não consigo mais vê-lo como o poeta, claro, no sentido mais estereotipado da palavra, que é o predominante, mas como um xamã, um depositário fiel da sabedoria poética da aldeia.

Manoel de Barros é esse bruxo. Ele é aquele que guarda os

segredos mais antigos da tribo, a dignidade da poesia, o nome das plantas, as cosmologias que ninguém lembra mais, a sabedoria dos idiomas vegetais, minerais, animais, os segredos do fogo, as palavras de água, os segredos da palavra. Ele enriquece a vida da aldeia porque ele é o guardião da sabedoria poética que beneficia a todos. Sua palavra boa tem qualidade de neblina vivificante. Sua obra, como a dos grandes poetas, e a dos verdadeiros místicos, tem sabedoria cósmica.

Gosto de ver Manoel de Barros também como um fazedor de milagres de linguagem, um bruxo bugre que sabe das coisas. Evito vê-lo como um poeta no sentido mais estereotipado dessa palavra.

Manoel é um bruxo fazedor de alumbramentos. Só um bruxo que conhece os segredos da palavra consegue fazer as palavras darem néctar, irradiarem obscuro encantamento.

Desde suas origens, a linguagem humana vem perdendo encantamento, vem se fragmentando, se dividindo. No começo dos tempos, predominava a imagem encantada. Hoje, predomina a linguagem decaída. E a linguagem decaída é a linguagem morta, os clichês, os automatismos, etc. Uma linguagem sem graça. Uma fala desencantada.

O que o bruxo Manoel de Barros faz, com muita propriedade, com arte, é virar a linguagem do avesso para que ela possa encantar novamente.

Virando a linguagem do avesso, desviando, desfalando, desfigurando, desescrevendo, desalumbrando, com sabedoria poética, Manoel de Barros consegue fazer as palavras encantarem novamente. Isso faz o bruxo Manoel de Barros, como ninguém. E isso perturba. E isso causa inveja. E é isso que muita gente não enten-

de. Porque às vezes talvez só se possa entender Manoel de Barros sem se entender...

Post-scriptum

Recentemente a crítica literária Flora Süssekind reclamou, em seu ensaio "A literatura dos 90", que a obra de Manoel de Barros estava ficando cada vez mais *sentenciosa*. Não posso deixar de acusar certa preguiça crítica na abordagem simplória da respeitada estudiosa da literatura brasileira, que em vez de correr o risco de enfrentar a obscuridade do bruxo Manoel de Barros se acomoda em uma opinião estéril.

Aparentemente sentencioso, mas mais anti-sentencioso, ou aforístico, do que simploriamente sentencioso, o verso de Manoel de Barros está mais para fragmento com vida própria, parte do poema, poema à parte, unidade indivisível, fragmento-mitocósmico, haikai ou *kotyú*, frase encantada, do que para a sentenciosidade necroverbal.

Por outra parte, só os grandes poetas de todos os tempos parecem conseguir serem sentenciosos sem serem banais como os "burros letrados" de que nos fala Eugênia Sereno.

Todos os grandes textos da história universal da literatura parecem ter vocação para o *sentencioso*. Os exemplos se multiplicam. Homero. Safo. O rei Salomão. Os hinos egípcios. Shakespeare é sentencioso. Alberto Caeiro, Jorge Luis Borges, Dante e Pound. O Eclesiastes, Cristo, Maomé, Buda, Guimarães Rosa, todos puderam ser sentenciosos. Porque acreditavam em suas palavras. Porque o que dizem é eles. Porque não se deixam mover pelas vaidades do mundo literário, mas por certeza espiritual.

Outro fato que talvez sempre

tenha perturbado, secretamente, parte da crítica literária contemporânea é que nunca um poeta brasileiro vendeu tanto como Manoel de Barros, como se, definitivamente, um bom poeta nunca pudesse vender bem, porque os bons poetas não vendem, etc... Registre-se ainda que depois que a revista espanhola *El Passeur* dedicou à poesia de Barros mais de 20 páginas, algumas editoras do eixo Rio-São Paulo passaram a disputar a tapa o passe do poeta.

O que Flora Süssekind não teve tempo de perceber, porque talvez não tivesse tido tempo de fazer uma leitura mais atenta, é que a sentença em Manoel de Barros traz sua própria negação escondida dentro. Que toda sentença de Manoel de Barros é uma anti-sentença, paradoxo de sol e garça, orgasmo da palavra, goma feliz.

Como Chaplin, Manoel de Barros usa os elementos mais simples para fazer sua arte, arte de verdade. Com uma lesma e uma pedra o poeta inventa o amor novamente. Sua lição de desprentenciosidade é preciosa. Com um lábio e um tijolo o poeta inventa uma mitologia.

Juan L. Ortiz, o grande poeta argentino, dizia que os poetas não têm direito de pedir nada para a poesia, mas apenas dar a ela o melhor deles.

É o que Manoel de Barros vem fazendo há 83 anos. Dando o melhor de si para a poesia e para a língua portuguesa. Desacomodando a língua portuguesa para que ela volte a dar mel. Devolvendo à língua portuguesa o poder encantatório perdido, a sabedoria das fontes, a poesia perdida das origens.

* É coordenador editorial da coluna *Palavra-boa*, publicada aos domingos na Folha do Povo.

O fotógrafo Manoel de Barros

*MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

A relação entre literatura e fotografia é mais estreita do que

ficas do Pantanal são lidas como imagens poéticas, isto é, os versos que aparecem vinculados às fotografias à primeira vista não têm nada a ver com as imagens

trar o azul eu uso pássaros". O que o poeta registra é o que não se vê, não se ouve, não se pega.

O processo de criação das imagens foto-poéticas continua

no que tem de mais rico: o jogo e a fantasia, prazeres que não se encontram em quaisquer textos, mas naqueles que possuem valores estético-literários próprios

O fotógrafo Manoel de Barros

*MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

A relação entre literatura e fotografia é mais estreita do que se possa imaginar. Ainda que a fotografia seja freqüentemente ligada à verdade, à realidade, afinal de contas geralmente se fotografa algo ou alguém, e à técnica, com seus procedimentos de montagem e instantaneidade, há que se reconhecer também seu lado criador.

A fotografia capta o instante que não se repetirá a não ser através dela, portanto, tem a capacidade de prolongá-lo, torná-lo eterno. O mesmo ocorre com a literatura e as imagens poéticas.

Em ambas as imagens, fotográficas e poéticas, temos o que se costuma denominar a "apreensão de instantes particularmente reveladores". São reveladores porque permitem que nosso olhar se encontre e se defronte com o olhar do fotógrafo e do poeta através do objeto apreendido. Essa troca de olhares, então, permitirá nossa aproximação ou afastamento das imagens.

Manoel de Barros aproximou-se da fotografia de modo mais explícito em 1999, no livro "para encontrar o azul eu uso pássaros."

Nessa obra, imagens fotográ-

ficas do Pantanal são lidas como imagens poéticas, isto é, os versos que aparecem vinculados às fotografias à primeira vista não têm nada a ver com as imagens reproduzidas. A lógica dessa operação está expressa no próprio título do livro: para encontrar a poesia pode-se usar a realidade e vice-versa.

No livro "Ensaios fotográficos" (Ed. Record, 66p., 2000), o poeta se posiciona de modo a permitir ao leitor um close-up do exercício de compor suas imagens. Abre ao máximo o fazer poético em "O Fotógrafo", revelando a dificuldade de fotografar, mas confessando: "Eu conto." Nesse instante, a apreensão da imagem é remetida para um tempo-espaço mítico, como se o poeta nos dissesse "Foi assim...", ou In illo tempore...

Transcende desse modo a realidade e se permite fotografar o silêncio (o carregador de um bêbado), o perfume (de um jasmim), a existência (de uma lesma), o perdão (azul, do olho de um mendigo), o sobre (de uma paisagem que desaba uma casa) e, por fim, a nuvem de calça e o poeta Maiakovski. E conclui simplesmente: A foto saiu legal. O processo iniciado em "O fotógrafo" é retomado ainda nos poemas "O punhal", "O vento e Miró". Neles, o leitor fecha o intervalo aberto em "para encon-

trar o azul eu uso pássaros". O que o poeta registra é o que não se vê, não se ouve, não se pega.

O processo de criação das imagens foto-poéticas continua no poema "O roceiro", onde o poeta areja a linguagem, como as minhocas o fazem com a terra, retomando uma imagem decisiva de sua poética: (Retiro os adjetivos porque eles enfraquecem as plantas)/E deixo o texto germinar sobre o branco do papel. Além disso, o leitor tem o prazer de se defrontar com outros exercícios de linguagem em "Comparamento, Despalavra e Ninguém" e, principalmente, com a definição adjetiva das línguas indígenas, no poema Línguas, que nos faz recordar Guimarães Rosa em Uns índios (sua fala).

Retomando o título do livro, é impossível não perceber o humor sutil de um ensaio, na tentativa de uma aventura lingüística para o enlace de um peixe com uma lata, o que resulta na destruição de um mito literário, quando o famoso verso de Gertrud Stein Uma rosa é uma rosa é uma rosa, se transforma no inacreditável Uma lata é uma lata é uma lata é uma lata, no poema "O casamento".

Desde a leitura do primeiro poema desses ensaios fotográficos o leitor percebe que a poética de Manoel de Barros amadurece

no que tem de mais rico: o jogo e a fantasia, prazeres que não se encontram em quaisquer textos, mas naqueles que possuem valores estético-literários propriamente ditos.

Esses valores podem se traduzir na criação de imagens que ampliam o significado das palavras, construindo uma realidade plenamente poética; na utilização de recursos retórico-estilísticos, atingindo com eles o melhor efeito de sentido no ato da leitura; na importância da leitura de outros poetas e linguagens, garantindo o jogo intertextual e sua inequívoca qualidade de recuperar precursores e imagens, e na prática de se reportar ao próprio exercício poético, entre outros.

E quando o poeta diz que seus 14 livros, agora 15, são todos repetições do primeiro, lembramos que nosso encantamento de leitores está na percepção de que a poesia é também essa possibilidade de repetir, repetir, até ficar diferente.

O desejo de fotografar a poesia e o ato poético resulta no objeto essencialmente luminoso que é esse último livro de Manoel de Barros.

* É professora de Teoria Literária da UFMS. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Cheiro de poeta - um encontro com Manoel de Barros

*ALDA MARIA QUADROS
DO COUTO

Corumbá, primeiros anos noventa, Manoel de Barros na Semana de Letras da Universidade Federal. Mesa de cinco mulheres, representantes do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Mato Grosso do Sul: análises, teorias e carinho, mistura mais que feminina – essas mulheres do terceiro milênio, livres de qualquer rótulo – testemunhada pelos cabelos e pela camisa branco impecável daquele senhor silencioso, que ouviu, na primeira fila, olhando de baixo para cima, saboreando seus direitos muito bem adquiridos.

Também gostaria de resmungar alguns palpites sobre a novidade daquela poesia peculiar, diferente. Sempre me parecia, Manoel, o mestre das imagens táteis e visuais. Ainda hoje, se garimpar nos poemas barreanos figuras de linguagem com grande

carga olfativa, digamos, convencional, o resultado é raro, comparado ao tato e à plasticidade do olhar, sempre úmido e verde, que o poeta vai lançando a nossa volta.

Abrindo ao acaso **Gramática expositiva do chão**, audição, tato e visão logo ficam atentos: *O mato tomava conta do meu abandono / A língua era torta / Verbos sumiam no fogo / Um caranguejo curto sementava entre harpas...* e o olfato leva um susto: *Havia um cheiro de águas abertas e um grilo*. Meu Deus, que águas são essas, e que cheiro tem um grilo, se para mim ele é somente som, cor de madeira polida?

Fica mais que provado, a teoria, neste caso, não pode ter a última palavra. Naquele dia, em Corumbá, mais perto do poeta, percebi, além do dueto em branco, da camisa e do cabelo, o perfume, fina loção de barba impregnada na pele de usuário fiel. Manoel de Barros, desde então, é

para mim uma poesia com cheiro requintado. Falei que só me restava dizer-lhe isso, o quanto ele era cheiroso, um cheiro ao mesmo tempo pessoal e universal, medida perfeita para versos. Sua risada – mais alvura, de dentes – foi um presente. E o chope, que insistiu em servir depois, em série de copos transbordantes, por várias horas, enquanto aguentamos, foi o melhor que já bebi, com um perfume assim, ainda bem, indefinível.

Depois de tantos anos de sala de aula, estudos, escrita a respeito de literatura, quanto à poesia dele me mantenho, não sei por que fórmula de encantamento, apenas leitora. Fala por mim e para mim, o Manoel Cheiroso:

*No fim de um lugar
você veio ficou de pé
no espinheiro pedrento do
rochedo
e se atravessava uma coisinha
branca na voz.*

*Eu fui na garupa
com os frios da noite
por cajus amarelos
debruçados à cerca. ...*

*Fui buscar um gosto leve
naquilo árvore
naquilo casa-de-pássaros.
Você me esperava?*

*...Agarrado aos muros
ainda a brotar esta flor de
sonho
um pouco de meu rosto
ficou eivado desse lugar.*

Resta agradecer. Grata, gratíssima, Manoel das acolhidas pantaneiras sempre intensas, das surpresas permanentes, que ajudam a viver uma qualidade insuspeitada. Quem me dera, partilhar com toda gente esse privilégio de ler em estado da mais pura alegria possível. Só quem tem sabe o que vale.

* É doutora em Letras/Unicamp. Professora da UFMS.